

**IDENTIDADE E DIFERENÇA: UMA ABORDAGEM NO CONTEXTO SOCIAL<sup>1</sup>**

Nívea Caixeta Veloso<sup>2</sup>

Gustavo Araújo Batista<sup>3</sup>

**RESUMO**

Este estudo busca a compreensão dos significados de identidade e de diferença, levando em conta algumas formas que elas se apresentam ou se estabelecem nas culturas dos povos. A identidade se define como aquilo que é e a diferença como aquilo que não é. Tem-se então, que a identidade é construída a partir do conhecimento que um indivíduo ou grupo social tem sobre uma cultura e dela participa, mas, também da participação em outras culturas, permitindo o estabelecimento de uma identidade. É por meio da convivência social que acontece a produção de significados que vão representar o aparecimento de novas identidades ou de identidades em desenvolvimento. A diferença por sua vez, apresenta-se em sentidos opostos à identidade e tem aspectos negativos, excludentes ou de marginalização do indivíduo ou de um grupo, não pertencente a um determinado grupo identitário. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica fundamentada em autores como: SILVA (2014), GOMES (2013), LAPLANTINE (2012), KUPER (2002), TRINDADE & SANTOS (2002), entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade, Diferença, Grupos Identitários, Produção de Significados.

**ABSTRACT**

This study aims to understand the meanings of identity and difference, taking into account some ways that they are or are established in the cultures of peoples. The identity is

---

<sup>1</sup> Artigo que faz parte de projeto de pesquisa que conta com apoio financeiro do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), a quem os autores expressam sua gratidão e seu reconhecimento.

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia e Mestranda em Educação pela Universidade de Uberaba.

<sup>3</sup> Professor da Universidade de Uberaba (UNIUBE) e da Fundação Carmelitana Mário Palmério/Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FUCAMP/FACIHUS).

defined as what is the difference and how what is not. It has been so, that identity is built from the knowledge that an individual or social group has about a culture and participate in it, but also of interest in other cultures, allowing the establishment of an identity. It is through social interaction that happens the production of meanings that will represent the emergence of new identities or identities in development. The difference in turn, comes in opposite directions to the identity and has negative aspects, excluding or marginalizing the individual or group, not belonging to a particular identity group. This is a literature search based on authors such as: SILVA (2014), GOMES (2013), LAPLANTINE (2012), KUPER (2002), TRINITY & SANTOS (2002), among others.

**KEYWORDS:** Identity, Difference, Identity Groups, Meanings Production.

### **INTRODUÇÃO:**

O presente estudo objetiva a busca do entendimento dos significados de “Identidade” e de “Diferença” em uma perspectiva sócio-cultural, onde fronteiras, raça, gênero, grupos, sexualidade, incapacidade física, etc., perpassam o pertencimento de determinada classe, surgindo com isso a identidade e a diferença, em relação ao grupo identitário.

A identidade é, portanto, aquilo que define o que é e, a diferença é aquilo que não é; pode-se dizer, portanto, que o indivíduo nascido no Brasil tem sua identidade “Brasileira”, ao passo que o nascido na Argentina tem identidade “Argentina” aparecendo aí a diferença que recai na nacionalidade, pois ao ser Brasileiro, este não poderá ser Argentino; por sua vez o Argentino não poderá ser Brasileiro. A identidade de ambos é determinada pelas diferentes nacionalidades, que por sua vez revelam a diferença.

A identidade neste caso vincula às exigências do pertencer a um grupo identitário determinado e, por isso, é considerada fixa ou imutável.

Sendo vinculada a condições sociais e materiais, a identidade tem caráter excludente, o que põe o grupo com marcas “taxativas” em desvantagens e, com isso, à margem do outro grupo.

### **CONSTRUINDO A IDENTIDADE:**

A identidade é produzida e reconhecida pela similaridade ou afinidade existente entre pessoas, grupos locais e regionais, ou de mesma nacionalidade ou, ainda, entre povos de um mesmo continente, entre outros.

Para Gomes (2013, p.35) a identidade se estabelece, também, pela cultura de um povo ou coletividade:

[...] cultura é a identidade de um povo ou de uma coletividade, que se forma em torno de elementos simbólicos compartilhados. Esses elementos, em que se incluem os valores, permitem a coletividade pairar acima das diferenças que a dividem – seja de classe social, região, religião, etc. Em contraste com outros povos ou coletividades, esse conjunto simbólico é que diferenciaria uma coletividade de outras, cada uma com seus respectivos conjuntos simbólicos. Essa acepção é muito usada para se compreender as diferenças, identidades e lealdades que existem entre os povos. Frequentemente essa acepção de cultura é usada para se dizer que o Brasil é o que é pelo “jeitinho” de fazer as coisas; ou, por outra, o Brasil só se une, só se identifica como um todo em torno de instituições ou festas como o carnaval ou o futebol, neste caso especialmente na época dos jogos de Copa do mundo.

A identidade, também, é formada por sistema de representação de relações entre indivíduos e grupos que compartilham patrimônios comuns: língua, trabalho, profissão, religião, arte, entre outros.

Silva (2014) afirma que a identidade é relacional e que a diferença se estabelece por “marcação simbólica” em relação a outras identidades. Os sistemas representacionais podem ser as Bandeiras ou outros símbolos que marcam a diferença. Um navio em alto mar só é identificado quando tem hasteada a Bandeira de sua nação. A Bandeira, em um primeiro momento, representa a identidade desse navio e de sua tripulação, pois estando ele em alto mar e com a bandeira hasteada, leva consigo essa identificação em atendimento à cultura de navegação internacional que são as leis e convenções internacionais. Esse navio, ao atracar em portos de outras nações, a Bandeira hasteada, vai representar a sua diferença em relação às embarcações com tripulações nacionais, ali atracados.

É pela identidade e pela representação que nos posicionamos em um sistema. Para tanto, é necessário que compreendamos os significados desse sistema, sua produção de sujeitos e, se enquanto sujeitos, nos enquadrarmos em tal sistema. Neste caso, trata-se de sistemas de representações para as identidades produzidas. Tais representações incluem práticas de significação e sistemas simbólicos, pelos quais podemos encontrar respostas

para nos posicionar naquilo que somos, nos orientar no que podemos ser e, buscar o que queremos ser, a partir do estabelecimento de identidades individuais e coletivas.

Kuper (2002, P. 298) exprime que a identidade não é somente um assunto pessoal:

Ela precisa ser vivida no mundo, num diálogo com outros. Segundo os construcionistas, é nesse diálogo que a identidade é formada. Mas não é dessa maneira que ela é vivenciada. De um ponto de vista subjetivo, a identidade é descoberta dentro da própria pessoa, e implica identidade com outros. O eu interior descobre seu lugar no mundo ao participar da identidade de uma coletividade (por exemplo, uma nação, uma minoria étnica, uma classe social, um movimento político ou religioso).

Dentro desta visão a identidade é construída a partir de uma convivência e se desenvolve por meio da participação em uma cultura. Essa participação em uma cultura torna o indivíduo mais conhecedor de si e mais preparado para orientar-se frente às diferenças que a política cultural que lhe exige enquanto nela inserido. Esse indivíduo, muitas vezes, é submetido a papéis estereotipados criados pela identidade coletiva, desconsiderando a identidade pessoal, que muitas vezes recai numa “crise de identidade” chegando ao sacrifício da identidade individual.

### **INFLUÊNCIA DA CULTURA E DOS SIGNIFICADOS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE:**

As relações sociais são permeadas pela representação e pelo papel chave da cultura na produção de significados, gerando assim, uma preocupação com a identificação. É por esse processo que nos identificamos com os outros, o que pode ocorrer pela inconsciência da diferença ou da separação ou, ainda, por supostas similaridades.

As práticas de significação que envolve produção de significados são ligadas à relação de poder, podendo, inclusive, definir quem é incluído e quem é excluído. A identidade é moldada pela cultura que possibilita optar entre variadas identidades ou pela gama de representações simbólicas ofertadas por essa cultura nas relações sociais.

A mundialização ou a globalização da economia traz uma necessidade de interação dos fatores econômicos e culturais, pelas mudanças de padrões de produção com vistas a atender ao consumo, ou mesmo, integrar novas identidades culturais do mercado, gerando então, novas identidades que por sua vez são globalizadas. Silva (2014) exemplifica os jovens consumidores de hambúrguer da McDonalds e os que transitam pelas ruas de

Walkman como sendo identitários globais, uma vez que podem ser encontrados pelo mundo, quase sem distinção entre si.

Essa globalização vai muito além da economia, ela ultrapassa as questões relacionadas à produção e comércio de bens e serviços, influenciando o mercado de trabalho, favorecendo a migração de trabalhadores, produzindo identidades diversificadas, conforme descreve Silva (2014, p. 22):

A migração produz identidades plurais, mas também identidades contestadas, em um processo que é caracterizado por grandes desigualdades. A migração é um processo característico da desigualdade em termos de desenvolvimento. Nesse processo, o fator de “expulsão” dos países pobres é mais forte do que o fator de “atração” das sociedades pós-industriais e tecnologicamente avançadas. O movimento global do capital é geralmente muito mais livre que a mobilidade do trabalho. Essa dispersão das pessoas ao redor do globo produz identidades que são moldadas e localizadas em diferentes lugares e por lugares diferentes.

As identidades produzidas sob a influência de diferentes lugares em lugares diferentes, têm características desestabilizadoras ou possuem propriedades de fácil desestabilização. Essas identidades não se vinculam a uma “pátria” ou a uma única fonte identitária. Esse tipo de identidade leva em conta a diversidade do multiculturalismo, que com muita frequência marginaliza grupos de uma determinada sociedade. Alguns grupos buscam reafirmar suas origens através de contestações enérgicas, como acontece com seguimentos religiosos como no Islamismo pelo mundo ou mesmo o catolicismo e o protestantismo na Irlanda do Norte. Estes fenômenos são determinados “crises de identidades”. Ainda, como resultado de tais fenômenos aparecem os processos de luta pela reafirmação de velhas identidades – é o caso dos do Reino Unido na busca pelo retorno à “Inglesidade” e dos Estados Unidos saudosistas dos “velhos e bons valores da família Americana”. (SILVA, 2014, p. 23).

Silva (2014) reforça as tendências das identidades em produção sob a influência das transformações globais nas estruturas políticas e econômicas da contemporaneidade como identidades em “conflitos” e afirma que, essas identidades em conflitos estão localizadas no interior dessas mudanças sociais, políticas e econômicas, sendo delas grandes contribuintes. No entanto o que mais marca é a contestação que se trava acerca das “velhas certezas” em relação às novas formas de posicionamento e, com isso, uma variedade de diferentes contextos. Nos anos 70 e 80 a discussão política se dava e teorizava em forma de ideologias em conflito, entretanto, em tempos atuais ela se concentra mais em termos de

competição e em razão dos conflitos de identidades diferentes, o que fortalece o aparecimento de crises de identidades.

Assim, as crises de identidade têm a ver com as sociedades modernas, em face da pluralidade de culturas exercendo influências nos centros de produção de identidade. É o caso, por exemplo, das transformações nos padrões de produção e consumo que faz com que haja o deslocamento dos investimentos da indústria de manufatura para a área de serviços e, que também, gera mudanças nas estruturas das classes sociais, tanto em nível global, quanto local, interferindo na formação da identidade.

Nesse contexto social, acontece o que é convencionado pela Antropologia de “multiculturalismo”, o que para muitos, não passa, de uma oportunidade, não sendo, portanto, um movimento social coeso, crítico e em busca de um desenvolvimento, podendo representar apenas um “multiculturalismo de diferenças”, com tendências hierarquizadas.

Kuper (2002, p. 294) demonstra essa visão e ao mesmo tempo, a contrasta ao descrever o multiculturalismo crítico, vejamos:

O multiculturalismo de diferença é voltado para dentro, atende aos próprios interesses e é inflado de orgulho acerca da importância de determinada cultura e de sua alegação de superioridade. O multiculturalismo crítico, em contrapartida, é voltado para fora e está organizado de modo a desafiar os preconceitos culturais da classe social dominante com o propósito de expor a parte vulnerável do discurso hegemônico.

O autor embora tenha essa visão contrastada acerca dos multiculturalismos de diferença e crítico, vê neles algumas premissas em comum, como as questões de política de representação, sexualidade e gênero, raça e ideias sobre diferença. Reforça a visão de que grupos dominantes impõem suas características culturais como sendo as normas que os definem, por consequência, tacham as minorias como diferentes e fora do padrão, não reconhecem o direito de ser diferente e muito menos, o valor da diferença, sob o olhar de que determinado indivíduo ou família “não” pertence seu grupo, sendo então, estigmatizada.

As mudanças sociais têm forte direcionamento na formação de novas identidades, sejam elas em níveis global, local e pessoal. (LACLAU, 1990, apud SILVA, 2014, p. 30) afirma que há um deslocamento (sem núcleo ou centro de produção de identidades fixas),

onde tal deslocamento gera vantagens em função da diminuição da importância das afiliações fundadas em classes, como a operária, ou gênero, “raça”, etnia, sexualidade.

Assim, os indivíduos vivem no interior de variadas instituições ou “campos sociais” familiar, postos de trabalho, centros educacionais, grupos políticos, etc., Ao participar desses “campos sociais” o indivíduo assume posições diferentes em lugares e espaços diferentes, cujas representatividades simbólicas são diferentes, ou seja: essa participação posiciona esse indivíduo (essa mesma pessoa) em diferentes lugares e em diferentes momentos, conforme os diferentes papéis sociais por ele exercidos frente a tais sociedades. Os contextos sociais diferentes formam significados sociais diferentes, que levam a várias identidades e com isso pode-se dizer que o indivíduo ante a uma complexidade da vida atual, assume diferentes identidades.

Cada contexto cultural é submetido a controle e, pendente de expectativas que fazem emergir um “imaginário” que é circundado pelo alcance do prazer e da realização. Têm-se então, que esse “imaginário” nem sempre é possível, às vezes é negado a algumas famílias, seja por questões racistas ou outras quaisquer, o que leva à construção de identidades diferentes que podem ser vistas como “estranhas” ou de “desviantes”. É o caso descrito por Audre Lorde (1992:47), apud Silva (2014:33), vejamos:

“Como uma mãe – feminista socialista, lésbica, negra, de 49 anos – de duas crianças, incluindo um menino, e como membro de um casal inter-racial, com muita frequência vejo-me como pertencendo a um grupo definido como estranho, desviante ou inferior ou simplesmente errado”.

No presente caso, o autor retrata uma questão da sexualidade, onde a diferença é marcada “simbolicamente” e, por consequência, a personagem é excluída, socialmente, por sua diferença de identidade, em razão dos constrangimentos sofridos pela sociedade heterossexual que considera sua escolha identitária fora dos padrões sistêmicos dominantes de representação.

Têm-se, ainda, que nessa visão as identidades, além de diversas, são “cambiantes” ou seja: estão em constantes transformações em razão de posições individual ou socialmente tomadas, haja vista os movimentos sociais em prol de novas identidades. Tais movimentos sociais são fortalecidos na busca de novas fronteiras identitárias pessoais e políticas.

Neste sentido, há um processo de busca de identidade que representa uma luta existencial pela criação de um estilo de vida que seja sustentado, ao menos, por um pequeno tempo.

Por sua vez os movimentos sociais surgiram questionando estruturas burocráticas, pleiteando novas formas de identificação. Estruturaram-se por rebeliões estudantis, ativismos pacifistas e antibélicos e lutas por direitos civis como o feminismo ou a luta pelos direitos civis dos negros, etc. A definição desses movimentos sociais era baseada na política de identidade: o que ela significa e como era produzida e contestada. Seu significado é a celebração da singularidade de um determinado grupo: sua formação cultural e sua aceitação ou não por outros grupos, cuja dimensão de seu sentimento de opressão pode ser mensurada. Daí a busca de novas identidades através dos movimentos sociais visando, por exemplo, o alcance de uma identidade exclusiva das mulheres, em razão de viverem à margem do pensamento dos homens ou da falta de reconhecimento de vontade própria.

Alguns desses movimentos sociais vêm buscando alcançar o direito de construir e assumir a responsabilidade peculiar de suas identidades.

As identidades surgem a partir da determinação da diferença e as diferenças aparecem por meios de sistemas simbólicos de representação e, também, mediante formas de exclusão social. Assim, a identidade não é contrária à diferença, mas sim, dependente dela. Pode-se exemplificar esse entendimento, a partir do grupo político partidário, com representação no parlamento de um país, que se subdivide em dois ou mais grupos, recaindo na divisão dos que apoiam as ações do governo e dos que fazem oposição ao governo e, ainda, dos que, nem apoiam, nem são contrários aos governos. Tem-se, então que a diferença é aquilo que, separa uma identidade da outra, criando distinções entre elas.

#### COMO SE DÁ A PRODUÇÃO DA DIFERENÇA:

A diferença tem sua produção, em especial, por meios de ações binárias - de sentidos contrários - que pode ser negativamente, por meio da exclusão do indivíduo ou de sua marginalização considerando-o como o “outro” ou como o que não pertence a determinada identidade. Ela também tem origem na diversidade, na heterogeneidade e no hibridismo. É o caso dos que buscam resgatar uma identidade em contradição às normas ou

costumes e, com isto, celebram uma diferença afirmando ou assumindo uma forma de ser, diferente das tradições sociais – como exemplo, o ser homossexual.

Os sistemas classificatórios têm na diferença o ponto central da produção de significados. É a diferença que define entre nós e eles, entre o fora e o dentro, entre o sagrado e o profano ou entre o masculino e o feminino, etc., quando vinculados a um sistema de classificação de culturas. No entanto, tais sistemas classificatórios não medem por si só, o grau de investimento pessoal que o indivíduo deposita nas identidades por ele assumidas, em razão de algumas identidades exigirem do sujeito um esforço maior para se situar nela, o que pode configurar um grande empenho pessoal desse indivíduo para posicionar-se nessa identidade.

Outro ponto importante na produção social da identidade e da diferença está relacionado ao multiculturalismo, cujo discurso pedagógico tem se alastrado sob o apelo à tolerância e ao respeito à diversidade e à diferença. Não existe, ainda, um discurso pedagógico, que coloque em seu centro uma crítica política da identidade e da diferença, sendo o que se vê são as tendências à naturalização, à cristalização e à essencialização da identidade e da diferença, enquanto diversidade. A questão socialmente e pedagogicamente recomendada em relação à diversidade e à diferença se limita, tão somente ao respeito e à tolerância que se deva ter para com elas.

A teorização cultural contemporânea acerca da identidade e da diferença não vislumbra a questão da tolerância e do respeito à diversidade cultural como sendo uma forma de produção social, como apregoa o multiculturalismo educacional, pois nesse ponto de vista, a identidade e a diferença das várias culturas são tratadas em forma de consenso, diálogo ou comunicação, o que impedem tal processo de produção cultural, por estarem, a identidade e a diferença, diretamente vinculadas à relação de poder. É pela representação que ocorre essa vinculação da identidade e da diferença aos sistemas de poder.

Silva (2014, p. 91) trata esta questão da seguinte forma:

Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade. É por isso que a representação ocupa um lugar tão central na teorização contemporânea sobre identidade e nos movimentos sociais ligados à identidade. Questionar a identidade e a diferença significa, nesse contexto, questionar os sistemas de representação que lhe dão suporte e sustentação. No centro da crítica da identidade e da diferença está uma crítica das suas formas de representação.

No aspecto pedagógico, temos que considerar que a identidade não uma essência, nem um dado, muito menos um fato, ainda que da natureza, ou da cultura. Ela “não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. ” Ela “tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. ” (SILVA, 2014). Podemos, por assim dizer que a identidade, ao contrário, “é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. ” Ela “é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. ” Assim, tem que ser vista como um problema pedagógico e curricular, sob a preocupação de que na escola, os alunos têm a necessidade de interagir com o outro e, também em razão do outro e da diferença estarem presentes nos atos pedagógicos que, por consequência, são partes curriculares.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Percebemos que a identidade e a diferença estão diretamente relacionadas aos valores individuais ou coletivos, na natureza humana, formando os conjuntos simbólicos que vão representar a identidade e a diferença. A partir deste contexto somos posicionados em um sistema simbólico ou seremos incluídos em determinadas práticas de significação. Vimos também que a identidade é subjetiva, sendo descoberta dentro da própria pessoa, implicando em identificar-se com o outro. Pode-se dizer que nesse diapasão o indivíduo é sujeito da construção de sua própria identidade e também da identidade coletiva.

É nas relações sociais que ocorrem a produção de significados e com isso aparece a identidade, conseqüentemente, a diferença. A produção social da identidade e da diferença é fruto das práticas de significação que aparecem no contexto das relações sociais.

Percebemos, ainda, que a globalização da economia influencia o mercado de trabalho que, por sua vez, favorece uma produção de identidades diversificadas e plurais e, que estas identidades diversificadas e plurais podem ser contestadas por suas desigualdades, uma vez que são produzidas na diversidade do multiculturalismo, podendo inclusive, ser vistas como “identidade em crise” ou “crise de identidade”, em razão de permear conflitos de ideologias política e econômica.

A diferença por sua vez, tem caráter excludente e é vista como sendo contrária a identidade, haja vista ter sentido negativo ou marginalizador do indivíduo ou do grupo com afinidades identitárias contradizentes às de outro grupo tido como dominante.

Numa situação mais contemporaneizada, onde o discurso pedagógico faz forte apelo à tolerância e ao respeito à diversidade e à diferença, percebemos que este não deve ser o único viés das ações pedagógicas da escola. Sabemos que tolerância e respeito são importantes no lidar com a identidade e com a diferença, no entanto, podem torná-las mais aparentes, por razões de serem vinculadas às relações de poder que envolvem as relações sociais. Vimos que há uma necessidade de interação nas escolas, em especial, os alunos necessitam se interagirem com o outro, e, que esse outro e a diferença devem fazer parte das questões pedagógicas e curriculares.

### **REFERÊNCIAS:**

GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia: Ciência do Homem: Filosofia da Cultura**. 2. ed., 4ª reimp. São Paulo: Contexto, 2013.

KUPER, Adam. **Cultura: a visão dos antropólogos**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais** / Tomaz Tadeu da Silva (Org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TRINDADE, A. L; SANTOS, R. **Multiculturalismo: mil e uma facetas da Escola** / Azoilda Loretto da Trindade, Rafael dos Santos. (Orgs). 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.